

ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL E QUESTÕES DE GÊNERO: A IDEOLOGIA PRESENTE NAS ORIENTAÇÕES E USOS DE MATERIAIS DIDÁTICOS – DÉCADAS DE 20 A 50 –MG

SILVA, S.M.

TEIXEIRA, AB.M. – Ceale - FAE – UFMG – adla@fae.ufmg.br

GT:Gênero, Sexualidade e Educação / n. 23

Bolsista CNPq

Dentro das instituições escolares, meninos e meninas têm crescido acreditando numa diferença natural entre os sexos, em suas limitações e habilidades. Ainda são insuficientes estudos que demonstram a ação governamental em confirmar, via educação, os sistemas de gênero. Muito se sabe sobre o estrito controle governamental sobre as práticas escolar via seleção de métodos, programas e currículos escolares, materiais didáticos e de orientação dos docentes. Arroyo (1988), por exemplo, descreve como a ação do governo, no caso de Getúlio Vargas, fez uso de estereótipos de gênero para a expansão do ensino. Aqui, a trilogia mulher-vocação-magistério foi amplamente defendida. Apesar de esclarecedores, nestes estudos, a questão de gênero ainda é abordada de forma acidental.

Noutras realidades, como na inglesa e americana, estudos na área de gênero (Taylor, 1980; Clarricoates, 1987; Evans, 1990) têm evidenciado o poder dos materiais didáticos em reproduzir uma lógica sexista. Como mencionado, no Brasil, tal análise ainda carece de maiores investigações. Neste esforço, o presente artigo buscou analisar as relações de gênero presentes nas práticas pedagógicas orientadas pelas políticas educacionais entre as décadas de 20 e 50, no Estado de Minas Gerais. Este período caracterizou-se pelos ideais do Movimento da Escola Nova, com a adoção obrigatória dos métodos de alfabetização analíticos (Método Global).

Metodologia

Neste artigo tratamos da categoria de gênero, uma vez que esta permite perceber as relações sociais na sua complexidade, ou seja, interrogar os paradigmas estabelecidos em um aspecto relacional mais amplo. Nas palavras de Scott (1995, p. 89) a categoria “gênero ... fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana”.

Esta é uma pesquisa de análise de fontes documentais, especificamente: textos, temáticas, ilustrações, atividades e exercícios adotados nas escolas públicas (período entre 20-50). Desta maneira buscou-se identificar quais eram os ideais de educação para ambos os sexos. Estes materiais foram encontrados nos acervos: Centro de Referências

do Professor em Belo Horizonte e Centro de documentação do Ceale-UFMG. Num primeiro momento organizamos os documentos encontrados e, no momento estamos fotografando (cartilhas e pré-livros), e iniciando uma primeira análise através da leitura e estudo de imagens, necessários para futuras comparações entre materiais.

Resultados parciais

A pesquisa teve início em agosto de 2005, com coleta e análise parcial de materiais no CEDOC-Ceale/UFMG, Centro de Referência do Professor (Belo Horizonte, MG). Até o momento foram localizados 35 pré-livros e cartilhas, muitas destas re-editadas após o período delimitado para este estudo. Os dados coletados foram classificados segundo título, autoria, editora e ano de publicação. Algumas destas cartilhas e pré-livros foram re-editados por editoras não mineiras (Maciel, 2002) evidenciando que os ideais presentes nestes materiais foram difundidos em outros Estados.

A análise inicial dos dados permite identificar uma clara segregação de papéis e espaços entre os dois sexos: meninos e meninas. Encontramos nas mensagens e ilustrações uma menina/mulher sempre associada às atividades do cuidado, do amor, docilidade, compreensão, dedicação, “daquela que faz as perguntas”. Já para o menino/homem se associa a coragem, a força, às imagens do “fazer”, da conquista, da descoberta, aventura, “daquele que tem ou fornece as respostas”.

Destacamos aqui “O Livro de Lili”, escolhido por permanência desde a década de 30 até meados da década de 60 no Estado de Minas Gerais. Tal permanência possibilitou realizar comparações intercartilha, acompanhando a evolução das abordagens sobre o ideal de feminilidade e masculinidade.

A Cartilha, “O livro de Lili”, é uma cartilha analítica e segue o Método Global pelo processo de “contos e historietas”. E esta não só atravessa como ultrapassa todo o período do Estado Novo, com inferências nacionalistas em suas edições mais tardias. Esta cartilha foi um dos primeiros materiais didáticos a apresentar o manual do professor, em volume separado do livro do aluno. (Publicada na década de 30 (pré-livro) e em fase de teste, teve a sua primeira edição dez anos depois, em 1940. Nas Edições seguintes (de 1958,1961e a de 1964) o “Livro de Lili” deixa de ter o formato caderno destacável e vem com a identificação de Cartilha).

No “Livro de Lili” há modificações quanto à imagem de Lili, inicialmente uma menina com perfil europeu (cabelos alourados, cacheados, olhos arredondados, abertos) para uma Lili mais latina (uma tonalidade de pele rubra, olhos “puxados”). As roupas

também se ajustam ao clima tropical (de capotes para vestidos leves). Não obstante, são mantidas as situações/espacos e tarefas dadas à menina e, mesmo ao menino (Joãozinho), atingindo também os animais (Suzete, cachorrinha de Lili e Totó, cãozinho do menino).

Desde as primeiras edições já se percebem indícios de uma ideologia patriarcal sobre as funções da mulher, relativas aos cuidados domésticos, à reprodução, à centralidade da maternidade na vida da mulher. Estas são insinuadas nas passagens em que Lili cuida das bonecas, do patinho, da Suzete (cadela), tudo corroborando para um futuro próximo de esposa-mãe responsável e capaz de abrir mão do prazer em prol de outros. Este aspecto é percebido nas situações em que Lili diz não poder deixar as suas bonecas (“filhinhas”) para acompanhar Suzete (cadela de Lili) para brincar. Lili se apropria deste universo feminino com naturalidade e desenvoltura.

“A divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela esta presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas..., em todo o mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação” (Bourdieu, 1998, p.17).

Esta divisão se confirma noutras lições, como “A cozinheira”, em que Lili cozinha enquanto o menino a observa, ou na lição “As meias de Lili” onde a menina que não sabe cozer se desespera ao se deparar com sua meia furada. Noutras lições Lili é retratada como uma menina prendada, caso da lição “O piano de Lili” em que Lili toca piano (música e canto eram pré-requisitos na educação de uma moça de família). A imagem de Lili é tratada como de uma “mulher em construção”, ou seja, hora prendada, hora “antiprenda”. O ou a leitora é conduzido a lidar com a incompletude da feminilidade de Lili e a completude e assertividade do menino (Joãozinho), nunca encontrado em situações de dúvida ou impotência. O texto lida com Lili indicando que ela é ainda está aprendendo, caso das lições da meia furada (desespero de Lili) e “O piano de Lili” (habilidades de Lili).

Diferente, Joãozinho não é colocado em situações de afazeres domésticos, nem mesmo qualquer relação com uma futura paternidade. Há, entretanto, um movimento de complementaridade entre Lili e Joãozinho, de uma quase cumplicidade entre casais. Nestas cenas, Joãozinho se destaca na liderança, no fazer, sempre no comando. A ele,

em geral, são reservados os mundos tecnológico e profissional, exemplos: a posse do carro na lição “Joãozinho e Totó”, o controle da câmera fotográfica em “O retrato de Lili”. Estas situações são providas de aventura, coragem, inteligência e força.

A menina Lili é privada do “saber fazer” (mundo do trabalho), incentivada ao conhecimento do privado: o preparo da comida, a preocupação em alimentar, a educação e cuidado da família. O conteúdo gráfico das cartilhas reforça assim um ideal de família, com um padrão de vida também idealizado que, certamente, não acessível a todos naquela época.

Moreno (1986) salienta que mensagens subliminares, simbólicas, transmitidas pela escola são mais eficazes que as explícitas e tem a vantagem de não necessitar oferecer as/às alunas/os razão ou justificativa para sua existência. Não obstante, a identidade de gênero é um processo que envolve acomodação e resistência, e por sua vez é construído pelas crianças através de vivências em uma sociedade que define os padrões de comportamento específicos para cada um dos sexos. As crianças aprendem, pouco a pouco, que existem padrões “adequados” de se expressar ou agir para cada sexo. As cartilhas legitimam uma organização social, legitimam um modelo familiar patriarcal.

As ilustrações, nas diversas edições, tratam de vários elementos como a religiosidade, presente nas lições “As bonecas de Lili” e “Suzete”, onde o crucifixo compõe o cenário do quarto de Lili. Importante entender que a religião também corroborava para a construção de estereótipos de gênero: “mãe de Deus – Maria; maternidade, mulher, casamento e obediência conjugal, restrições ao corpo, enfim, aos comportamentos para homens e mulheres da época”.

Questões de gênero podem também ser encontradas nos manuais de professores. As pistas começam pela capa, onde o título diz “Manual da professora”. No estágio atual da pesquisa ainda não foi possível analisar os manuais, entretanto, podemos identificar nestas orientações sinais de segregação entre os sexos.

Nesta “construção” de estilos de “ser” e de “estar” na sociedade, homens e mulheres são objetivados pelo desejo do outro ou de um grupo. Ao enaltecer funções do privado, da submissão e reprodução na mulher, a sociedade tira-lhe o direito de participar de outras tarefas importantes roubando-lhe das posições de política e espaços da vida pública. Se por um lado as mulheres/meninas não são empoderadas socialmente, por outro, numa falsa posição de poder, estão os homens/meninos, que também vivem suas perdas quando limitados a um mundo do “machos”.

Conclusão

Até o presente estágio da pesquisa percebemos a expressiva contribuição dos recursos didáticos na construção e legitimação de versões de uma natureza masculina ligada ao âmbito público (trabalho, aventuras, provedor, poder) e de uma natureza feminina afeita ao âmbito do privado (casa, cuidado-família). Entendendo que estes materiais eram comprados e distribuídos sob a tutela do Estado, pode-se afirmar que estes, certamente, se adequavam aos ideais de seus financiadores.

Não se quer dizer aqui que uma vez divulgados nos livros didáticos, estes estereótipos eram aceitos tranqüilamente pela população da época, sem resistências.

Referências

- Arroyo, M. (1985) *Mestre, educador, trabalhador: Organização do trabalho e profissionalização. Tese Titular*. Fac. Educação, UFMG.
- Bourdieu, P. (1999) *A dominação masculina*. Bertrand Brasil. RJ.
- Clarricoates, K. (1987) *Dinosaurs in the classroom – the ‘hidden’ curriculum in primary schools*. In: Arnot e Dewies (eds.) *Gender, Power and Schools*.
- Evans, T (1990) *A gender agenda. A sociological study of teachers, parents and pupils in their primary schools*. Allen e Unwin. Australia.
- Louro, G. (1987) *Prendas e antiprendas: educando a mulher gaúcha. Educação e Realidade*. 11(2):154.
- Maciel Francisca, IP (2002) *As cartilhas e a história da alfabetização do Brasil*. História da Educação. Pelotas. Ed. UFPEl. 11.abr. p. 147-168.
- Taylor, S. (1980) “School experience and student perspectives: a study of some effects of secondary school organization”. *Educational Review* 31:1.
- Teixeira, ABM (1998) *The domestication of the primary school teaching: a Brazilian case study* (PhD Thesis) – University of London, Institute of Education.
- _____(2001) *Gênero e Educação. O processo de domesticação do trabalho docente nas séries iniciais do Ensino Fundamental*. Endipe, Niterói. RJ.